



# revista limiar

volume 6 | número 11 | 1. semestre 2019

[www.limiar.unifesp.br](http://www.limiar.unifesp.br)

issn 2318-423x

*mimesis*,  
conhecimento e  
verdade

Jacob von Sandrart,  
Zeuxis e Parrásio, 1675.

## Editorial

### Organizado por Cristiane Maria Rebello Nascimento

Os artigos reunidos no número 11 da revista *limiar* contemplam o tema da relação entre as noções de *mimesis*, conhecimento e verdade num arco histórico abrangente que vai de Platão e Aristóteles a Walter Benjamin, passando brevemente por Filóstrato, o velho, e por Petrarca. Além dos artigos, o número contempla traduções de textos de Petrarca, do humanista italiano Benedetto Varchi e de Walter Benjamin, até agora inéditos em língua portuguesa.

O conceito grego de *mimesis* e sua tradução latina *imitatio* esteve por séculos no centro da *praxis* artística e da reflexão filosófica ocidental. Embora condene a poesia mimética, Platão se vale da *mimesis* na composição de seus diálogos e Aristóteles, na *Poética*, faz da poesia trágica que imita o verossímil, uma forma de conhecimento. Entre os autores latinos e mais tarde entre os humanistas dos séculos XV e XVI, a discussão a respeito da *imitação* ganhará contornos específicos. Trata-se de uma noção central dentro do projeto humanista de uma *renovatio* ou de uma *translatio* do patrimônio cultural, filosófico e estético greco-romano através sobretudo do que o filósofo italiano Tullio Gregory chama de uma *translatio linguarum* ou de uma *translatio studiorum*, ou seja, da produção de traduções e de comentários às obras antigas. Assim entendidas, traduzir e imitar são para os humanistas práticas complementares, a partir das quais são tecidas analogias entre as noções de *imitatio*, *emulatio*, furto e originalidade da obra de imitação em relação ao modelo imitado. O paradigma estético da *mimesis* tornou-se alvo de críticas apenas a partir dos séculos XVIII e XIX. Se Goethe ainda reconhece a verdade, ou realidade da arte imitativa, a recusa da validade hermenêutica da arte mimética por Hegel coloca no centro da

discussão estética a relação entre arte, conhecimento e verdade, assim como o entendimento da arte como representação necessariamente original. Contudo, o interesse pela *mimesis* e pelas analogias filosóficas e artísticas que ela pode fornecer jamais se esgotou por completo. Exemplo da plasticidade desta noção é o interesse de Walter Benjamin pela pintura chinesa, que lhe fornece imagens e semelhanças que elucidam conceitos fundamentais de seu pensamento.

O número conta ainda com dois artigos avulsos em torno da fenomenologia: um, tratando da leitura que Merleau-Ponty faz das pinturas de Cezanne, outro, abordando relação entre fenomenologia e a filosofia de Bergson.